

## **A música e o processo de ressignificação da cidadania do idoso sob a ótica kairosiana da temporalidade\***

*Music and the process of resignification of citizenship of the elderly under the Kairosian view of temporality*

*La música y el proceso de resignificación de la ciudadanía del anciano bajo la óptica Kairosiana de la temporalidad*

Rafael Ludovico Moreira  
Flamínia Manzano Moreira Lodovici  
Nadia Dumara Ruiz Silveira

**RESUMO:** A abordagem de temas como música, cidadania e temporalidade caracteriza-se por sua complexidade, resultante da recomposição contínua das articulações desses componentes na perspectiva do seu desenvolvimento histórico-cultural, considerando-se a dimensão local e global. A história particularmente é entendida como uma sucessão ininterrupta de fatos que marcam a evolução da humanidade, a qual deve ser compreendida na sua pluralidade e no seu sentido dialético. Este estudo emerge nesse contexto com o objetivo de compreender o processo de ressignificação das velhices e do exercício da cidadania na concepção kairosiana, levando-se em conta o papel mediador da música na vida dos idosos, e as ressonâncias da sua abrangência nos aspectos biológicos, psicológicos e político-sociais.

**Palavras-chave:** Música; Envelhecimento; Cidadania; Temporalidade; Kairós.

**ABSTRACT:** *The approach to themes such as music, citizenship and temporality is characterized by its complexity, resulting from the continuous recomposition of the articulations of these components in the perspective of their historical-cultural development, considering the local and global dimension. History, in particular, is understood as an uninterrupted succession of facts that mark the evolution of humanity, which must be understood in its plurality and in its dialectical sense. This study emerges in this context with the objective of understanding the process of resignification of old age and the exercise of citizenship in the kairosian conception, taking into account the mediating role of music in the life of the elderly, and the resonance of its comprehensiveness in biological aspects, psychological and politico-social.*

**Keywords:** *Music; Aging; Citizenship; Temporality; Kairos.*

**RESUMEN:** *El abordaje de temas como música, ciudadanía y temporalidad se caracteriza por su complejidad, resultante de la recomposición continua de las articulaciones de esos componentes en la perspectiva de su desarrollo histórico-cultural, considerando la dimensión local y global. La historia, particularmente, es entendida como una sucesión ininterrumpida de hechos que marcan la evolución de la humanidad, la cual debe ser comprendida en su pluralidad y en su sentido dialéctico. Este estudio emerge en ese contexto con el objetivo de comprender el proceso de resignación de las vejez y del ejercicio de la ciudadanía en la concepción kairosiana, considerando teniendo en cuenta el papel mediador de la música en la vida de los ancianos, y las resonancias de su alcance en los aspectos biológicos, psicológicos y político-sociales.*

**Palabras clave:** *Música; envejecimiento; Ciudadanía; Temporalidad; Kairos.*

## **Introdução**

Cada indivíduo, cultura ou sociedade possui suas características próprias. Ser cidadão é muito mais que possuir um registro e ter uma identidade aceita socialmente. Os dilemas e desafios que refletem a problemática sociocultural em diferentes tempos devem ser considerados ao refletirmos sobre as relações sociais e em especial no que se refere ao exercício da cidadania. O mesmo ocorre quando falamos em envelhecimento.

Envelhecer onde e em que condições? Como a sociedade entende o envelhecimento? Essas são algumas das muitas questões que permeiam o tema e que devem ser analisadas, ao se estudar o envelhecimento. O mesmo ocorre com a música, que integra a evolução da humanidade e deve ser compreendida sob diversos enfoques.

Significar e ressignificar fenômenos da nossa existência como o envelhecimento e o envolvimento com a música implica em ressaltar que cada ser humano vive experiências singulares influenciadas pelo contexto sociocultural em que está inserido, quando vai se reconfigurando sua identidade. “Cada ser humano tem seus mistérios: seus pensamentos secretos – dizia Hölderlin. Os mistérios do indivíduo singular são mitos e ritos exatamente como eram os dos povos.”<sup>1</sup>

Cada um de nós possui uma relação particular com o tempo e a temporalidade, relação essa que envolve amadurecimento, escolhas, sensações, construções e demais sentidos do viver. Refletir sobre envelhecimento, cultura, cidadania implica conceber que o tempo esteja intrinsecamente presente, como referência central para entendimento da origem, desenvolvimento e finitude dos fatos e acontecimentos.

As possibilidades de reflexão levantadas no texto não deixam de desafiar o leitor a pensar sobre suas próprias experiências sonoro-musicais e como elas interferem e afetam a construção de suas memórias; isso nos faz lembrar que a palavra que canta também recorda, e aquela que recorda também canta. Conhecer permite entender o outro, além de perceber riqueza e belezas como no campo das artes, que caracterizam a diversidade dos espaços sociais de convivência.

Em tempos atuais, a vida cotidiana revela continuamente o surgimento de novos eventos, dentre eles os movimentos artísticos, e a ciência, em surpreendente evolução, que busca, por meio de diversas modalidades de pesquisas, desvendar a pluralidade das formas de expressão da vida humana.

O presente trabalho se justifica ao propor a discussão de um tema novo de estudo levando-se em conta seu sentido multidimensional.

---

<sup>1</sup> Agamben, 2015, p. 101).

## **Cronos e Kairós: como são contados no mito**

Em perspectiva histórica identificamos que as diversas culturas, cada qual a sua maneira, buscam entender e controlar o tempo. Desenvolvem calendários, relógios e outros instrumentos que procuram mensurar a passagem dos dias, meses, dos ciclos planetários. Com tais dispositivos controlam os períodos de colheita, calculam o processo de gestação de pessoas e animais, reconhecem os movimentos dos astros, programam o viver na perspectiva de uma existência com maior controle.

Os mitos surgem como uma maneira simbólica de tentar entender ou explicar situações que muitas vezes escapam à compreensão racional nos fazendo refletir sobre nossa existência e origem. Na mitologia encontramos também orientação para entendimento, ou explicação de alguns acontecimentos, para quais não conseguimos encontrar respostas. Dell (2014, p. 7) explicita:

O desejo de contar histórias é um aspecto fundamental da condição humana. Quando ele se junta à necessidade inata de dar sentido ao ambiente que nos cerca e de entender as origens das coisas, o resultado é a mitologia. Isso não significa dizer que a humanidade seja o foco principal dos mitos; seu verdadeiro atrativo está nos deuses vívidos, fantásticos, que criam mundos, moldam montanhas, organizam as estrelas e enchem os oceanos. [...] Mitos raramente são apenas uma forma de entretenimento, eles incorporam elementos que conduzem a humanidade de volta às suas origens.

Com base nesses escritos, percebemos a importância dos mitos para a compreensão humana. Todas as sociedades, das mais primitivas às mais contemporâneas, refletem em suas histórias os parâmetros e significados da sua existência.

Sob a visão grega da temporalidade que até hoje influencia diretamente nossa cultura e, de certa forma, também nossos hábitos, destaca-se, no âmbito dessa mitologia o entendimento do tempo pelo mito de Cronos e Kairós. Assim é que “[...] diversas maneiras de entender o tempo correspondem a formas também diversas de compreensão da memória e da história humanas” (Barbosa, 2014, p. 138).

Cronos, segundo a mitologia grega, foi um titã da segunda geração de governança na criação do mundo, e reinava quando não existia somente o tempo Cronos, o que se traduz na marca de uma premonição: assim como ele fez com seu pai Urano, seus filhos o destronariam do poder do mundo. Tentando impedir um tal destino, Cronos devora todos os seus filhos logo que nascem.

Martins, Aquino, Saboia e Pinheiro (2012) entendem que esse comportamento retrata a característica de um tempo destruidor, até mesmo de suas próprias criações. Cronos representa, desse modo, o tempo cronológico, visto geralmente como quantificado, homogêneo, um tempo que consome as coisas, que as cria e as corrompe, que as constrói e as destrói.

Assim configurado, Cronos é o “Deus de um tempo avassalador, terminal” (Barbosa, 2014, p. 139). “Mas também dos *cronogramas* e projetos”, afirmava Gagnebin (2006),<sup>2</sup> além dos *cronômetros* e do *cronológico*. Esses conceitos revelam o aspecto de um tempo controlado, medido (Martins, *et al.*, 2012) mas, como afirma Barbosa, contínuo, infinito (2014, p. 148).

A relação das características de Cronos a uma canção nos permite encontrar consonâncias em alguns versos da cantata “Carmina Burana, Fortuna Imperatrix Mundi”<sup>3</sup> (do compositor alemão Carl Orff (1895-1982), escrita em 1935, recuperando originais de escritos que datam dos séculos XI-XIII, localizados em um antigo mosteiro na atual Bavária, que nos fazem saber que monges, por volta de 1230, faziam reflexões sobre a Roda da Fortuna e as finitudes da vida:

[...]*Gozar saúde,  
mostrar virtude:  
isto escapa minha sina;  
opulento  
ou pulguento  
o azar me arruína.  
Chegou a hora,  
convém agora,  
o alaúde dedilhar;  
a pouca sorte  
do homem forte  
devemos todos, lamentar.*

<sup>2</sup> Gagnebin, J. M. (2006). Entre sonho e vigília: quem sou eu? [Posfácio]. In: Proust, M. *No caminho de Swann*. Mário Quintana, Trad. (3ª ed.). São Paulo, SP: Globo.

<sup>3</sup> De domínio público, recuperado em 01 junho, 2015, de: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Carmina\\_Burana](https://pt.wikipedia.org/wiki/Carmina_Burana).

Em paralelo a Cronos, segue Kairós, conhecido como o Deus da oportunidade, filho de Zeus (Deus dos Deuses) e de Tykhè (Deusa da fortuna e prosperidade). Era representado por um jovem atlético, com asas nos pés, que tinha como principal característica transitar em velocidade por todo o mundo de forma aleatória, sendo, assim, impossível se prever um encontro com ele (Ribeiro, 1962, como citado em Martins, *et al.*, 2012).

Decorre, dessa figuração, o entendimento de que Kairós representa o tempo subjetivo, que pode ser a eternização do momento pela emergência da sua concretização. Significa também o momento oportuno, a oportunidade agarrada. Ainda segundo o autor, Kairós representa o momento, o prazer de vivenciar uma situação (Martins, *et al.*, 2012).

A respeito dos conceitos de Cronos e Kairós, Agamben (2016) traz um novo: “Geralmente, [...] são opostos, como qualitativamente heterogêneos[...], mas decisiva é aqui não tanto ou não só a oposição, quanto a relação entre os dois”.

Desse modo, Agamben chama a atenção para a singular “implicação dos dois conceitos que estão literalmente um dentro do outro”. Essas luzes vêm, segundo o filósofo, da “mais bela definição de kairós[...]”<sup>4</sup> e que o caracteriza precisamente em relação ao cronos: “O cronos é aquilo em que há kairós e o kairós é aquilo em que há pouco cronos”. (2016, p. 86).

Para Benjamin (como citado em Barbosa, 2014, p. 150), kairós não é um outro tempo, mas um cronos contraído, abreviado. Emerge justamente de uma desconexão em relação ao tempo cronológico (Agamben, 2008, pp. 68-69).

Retomando Kairós como o Deus das oportunidades, o Senhor da eternização dos momentos especiais, damo-nos conta de que é possível entender esse conceito sob visões e perspectivas diversas em situações variadas da vida, como nas artes vivenciadas através de Kairós, no trabalho, na religiosidade.

Diversos âmbitos da existência, enfim, podem ou não ser vistos ou vivenciados nessa perspectiva. Isso pode significar uma maneira mais descontraída de viver. Segundo Gagnebin (2005, p. 101):

---

<sup>4</sup> Definição que, cf. Agamben (2016, p. 86), se encontra no *Corpus Hippocraticum*: “*Chronos esti em hò Kairos kai kairos esti em hò ou polos chronos*”.

A dimensão temporal não consiste tanto na linearidade, mas mais na contiguidade, não num depois do outro, mas num ao lado do outro. Nesta descontinuidade fundamental há momentos privilegiados em que ocorrem condensações, reuniões entre dois instantes antes separados e que se juntam para formar uma nova intensidade e, talvez, possibilitar a eclosão de um verdadeiro outro.<sup>5</sup>

Kairós não tem referência com o passado, tampouco se caracteriza pela previsão do futuro; seu forte é a vivência do presente. Essa concepção é traduzida por Leite (2001, p. 38), em algumas de suas reflexões sobre Kairós, que se articulam com a questão da religiosidade e da arte:

Esse olhar para trás é o oposto de olhar para frente. Para a frente seria o homem se deixar conduzir pela esperança de uma existência sem novidade. Para ele, a novidade está, [...], na esfera do cotidiano, o que se assemelha com a tentativa de definição do *Kairós*. Seja utilizando o termo sagrado para falar de uma presença inovadora, ou do absurdo. O que está em questão como presença é a noção de alteridade do mundo percebido somente pelo homem que aprendeu a amar com o coração. A fim de demonstrar a forma de aparição, ou melhor, de manifestação do sagrado, resta poder-se considerar o momento em que isso se dá. [...] Como foi afirmado acima, através dos interstícios do tempo. O *Kairós* seria a saída da fagulha de um todo para a percepção de uma parte. Ou seja, aquele homem que está aberto para a percepção da manifestação do sagrado seria o homem que, enquanto parte do Cosmo, percebe num instante fugidio o clarão de uma totalidade que aqui se está chamando de sagrado. Resta a ele traduzir o que viu daquele instante efêmero como o relâmpago, desconcertante como o raio do sol. Escrever um poema, talvez; pintar um quadro onde possa aparecer o aprisionamento desse instante; realizar um sonho sonhado. Isso seria o Kairós.

---

<sup>5</sup> Gagnebin, J. M. Do conceito de *Darstellung* em Walter Benjamin ou verdade e beleza. *Kriterion, Revista de Filosofia*, 46; como citada em Barbosa, 2014, p. 151).

Esse pensamento pode ser enriquecido pela composição poética de Antoine de Saint-Exupéry, em *O pequeno Príncipe*, seu livro de 1943<sup>6</sup>, historicamente reconhecido: "Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos", trecho do diálogo do príncipe com a raposa, que nos permite inserir, no cenário delineado anteriormente, o significado e a importância da música que, a seguir, se mostra em seus laços com os aspectos socioculturais.

### Música – aspectos socioculturais

“[...]Eu faço música por amor e por esporte  
 Música por acaso e pela sorte  
 música pelo som e por vaidade  
 Música pra vender pela cidade  
 Eu faço música pra pensar e pra comer  
 Música pra dançar e pra chover  
 Eu faço música pra driblar a timidez  
 Música pela sua insensatez  
 Eu faço música como forma de protesto  
 Música pra mentir, porque eu não presto  
 Eu faço música por prazer, sem nenhum sim  
 Música pra você e para mim  
 Eu faço música por que não, por que sim  
 Música, música, música...[...]”  
 (Péricles Cavalcanti, “Música, por quê?”)<sup>7</sup>

Os versos de Péricles Cavalcanti expressam, de maneira leve, divertida, a importância que a música assume na sociedade para aqueles que a abraçam na sua diversidade aplicativa.

Quando buscamos definir a música, algumas vezes encontramos seu significado como a arte de agrupar sons, de modo que soem de forma agradável às nossas percepções. No entanto, quando procuramos sua origem, acabamos nos perdendo no tempo, pois a música é tão antiga e surge de forma tão intrínseca na humanidade, que se torna difícil certificar sua real proveniência.

Roland de Candé (2001) em sua introdução ao livro *História Universal da Música* aponta que a música pertence a uma antiga sabedoria coletiva, cuja longa história se confunde com a das sociedades humanas.

<sup>6</sup> Saint-Exupéry, A. (2015). *O pequeno príncipe*. (51ª ed.). São Paulo, SP: Agir (p. 72).

<sup>7</sup> De domínio público, recuperado em 01 junho, 2015, de: <https://www.vagalume.com.br/pericles-cavalcanti/musica-por-que.html>.



Andrade (como citado em Millecco, Brandão, & Filho, 2001, p. 6) corrobora e complementa essa visão, ao expor que:

[...] os elementos formais da música, o som e o ritmo, são tão velhos como o homem por estarem presente nele mesmo, nos movimentos do coração, no simples ato de respirar, no caminhar, nas mãos que percute e na voz que produz o som. Quando o homem se percebe como um instrumento, como um corpo sonoro, e descobre que estes sons podem ser organizados, nasce a música.

Encontramos manifestações relacionadas à música desde os primórdios da nossa espécie, em todas as sociedades, incluindo as mais primitivas, até as mais avançadas. Leinig (2009) descreve que as primeiras referências sobre música chegaram até nós através dos desenhos esculpido nas pedras. Também aponta que a música faz parte de uma parcela ininterrupta de fatos e eventos ocorridos que marcaram a vida de nossos antecessores.

Candé (2001, p. 11) destaca, adicionalmente que, nas sociedades mais primitivas, a música era um ato comunitário, ou seja, era e é sempre a manifestação de uma cultura coletiva. Incorpora ainda, o autor, outras facetas do seu significado:

Privilégio exclusivo do homem, a música nunca é definida de forma conveniente: é difícil observarmos uma ação em que nos achamos envolvidos. Para J. J. Rousseau, ela é “a arte de reunir sons de maneira agradável ao ouvido” (definição adotada pelo *Petit Larousse*). Ora, nem a música ritual, nem a música dramática, nem a música militar tem por vocação essencial serem agradáveis ao ouvido. É acaso possível que uma mesma música seja agradável aos ouvidos de todos os homens, quaisquer que sejam sua raça e sua cultura?

Na Grécia Antiga, a música tinha um papel primordial na sociedade; ela fazia parte de todas as celebrações, manifestações culturais e religiosas, desde rituais de fertilidade e de nascimentos, até de guerras e funerais. Acreditava-se que a música possuía o poder de interferir nas relações e inter-relações sociais, nas decisões e escolhas das pessoas, e em seus humores. Por exemplo, não era permitido fazer uma música de caráter religioso em um ambiente militar e vice-versa, pois isso poderia interferir de forma negativa na dinâmica social.

Grout e Palisca (2007, p. 22) citam a doutrina grega do Ethos que, “[...] baseava-se na convicção de que a música afeta o caráter e de que os diferentes tipos de música o afetam de forma diferente”.

Nos séculos que se seguiram, o papel da música foi se modificando e em alguns momentos reestruturados. Em certos períodos, a música adquire um papel protagonista na sociedade; em outros, ela vira pano de fundo para alguns eventos e momentos sociais.

No entanto, em todo o curso histórico, a música nunca deixa de existir, uma vez que “toda a expressão cultural estabelece uma estreita relação com o processo histórico” (Millecco, Brandão, & Filho, 2001, p. 31).

Relatam, ainda, que “os sumérios, os caldeus e os assírios, há uns seis mil anos já possuíam um método de leitura musical e se utilizavam de instrumentos para acompanhar seus cânticos” (2001, p. 15).

Podemos apontar que, no decorrer dos séculos, os cantos, litúrgico e secular, na Idade Média, o cantochão e o desenvolvimento dos *organum* no catolicismo, os cantos dos trovadores de amor, escárnio e maldizer, o surgimento da ópera, da música vocal de câmara, as cantatas e madrigais, as ornamentadas árias antigas para canto dos períodos barroco e clássico, as óperas bufas e dramáticas do romantismo, os grandes corais e o *lied* alemão foram surgindo e se desenvolvendo. Na concepção dos referidos autores, “Do canto primitivo ao barroco, o canto ocidental desenvolveu-se teórica e tecnicamente, chegando a um nível altíssimo de sofisticação” (Millecco, Brandão, & Filho, 2001, p. 18).

A forma de se fazer, estudar, e ensinar canto também passou por várias modificações. Pacheco (2006, p. 47) relata que “a didática do canto mudou no decorrer de sua história”; isso aconteceu devido à forma como as pessoas evoluem e pelo próprio papel social que o canto adquire em determinado período histórico.

O século XX, podemos apontá-lo como o da era do rádio, da música de cinema, das canções políticas e sociais e da música de consumo das grandes gravadoras. Em todos esses períodos também encontramos canções de trabalho, canções folclóricas, acalantos e jogos e brincadeiras cantadas. Buscando uma visão da música como profissão, podemos apontar alguns versos da música a seguir:

*“Há canções e há momentos  
eu não sei como explicar  
Em que a voz é um instrumento  
que eu não posso controlar  
Eu só sei que há momento  
que se casa com canção  
De fazer tal casamento  
vive a minha profissão.”*

(Milton Nascimento, “Canções e Momentos”)<sup>8</sup>

O compositor reflete, nesses versos, “por assim dizer, uma fenomenologia do espírito poetante”<sup>9</sup>, descrevendo-nos musicalmente seu ofício. Hoje, em diversas culturas e sociedades, a música, por meio de espíritos “poetantes”, continua desempenhando seu papel primordial.

Podemos citar o canto das lavadeiras, os cantos e os mantras sagrados dos candomblés e dos budistas, as canções em grandes festas como os enredos de carnaval, as regionais profanas do Ciclo Junino, do Divino e do Bendito, a Folia de Reis, o Boi Bumbá, de diversas regiões do Brasil, os Maracatus e os cânticos folclóricos. Todas essas manifestações populares foram criadas, estruturadas e reestruturadas com o passar do tempo e a miscigenação de povos de diferentes etnias.

Com esse desenvolvimento, as sonoridades de cada grupo ou região, foram se particularizando. Um aspecto em que essas sonoridades brasileiras, diversas e distintas em sua motivação e tributo, se tocam é afirmado por Milleco, Brandão e Filho (2001, p. 30): “Os maiores movimentos musicais cantados hoje pelo mundo, tem origem na mistura cultural de brancos, negros e índios”.

Levando-se em conta as diferenças, particularidades e nuances encontradas em cada cultura, sociedade e região do nosso planeta, é impossível unir esses traços plurais por meio de um único som e, de certa forma, caso isso fosse possível, seria empobrecedor, uma vez que nossa riqueza cultural se encontra justamente na miscigenação das raças e no colorido que cada povo, cultura ou etnia apresenta, além de se desenvolver a partir de crenças, necessidades sociais e habitat.

---

<sup>8</sup> De domínio público, recuperado em 01 junho, 2015, de: <https://www.lettras.mus.br/milton-nascimento/808216/>.

<sup>9</sup> *Mutatis mutandis*, os termos são de Agamben (2015, p. 78).

O compositor canadense Murray Schafer, de singulares experiências como educador musical,<sup>10</sup> nos faz depreender que a música “diz-se de muitos modos”<sup>11</sup> o que mostra sua vocação: de definição aberta, passível de mudanças, cortes, acréscimos e redefinições.

A despeito de diversos autores sentirem a dificuldade de formalizar uma definição específica, no entanto, é indiscutível que, desde tempos imemoráveis, a música mostra sua importância. Encontramos referências egípcias, gregas, incas, astecas, maias, referências orientais e inúmeras citações bíblicas que corroboram essa compreensão. “A mitologia grega atribuía à música origem divina e designava como seus inventores e primeiros intérpretes deuses e semideuses[...]” (Grout, & Palisca, 2007, p. 17).

Podemos, então, considerar que definir ou encontrar um conceito para a música que seja amplamente aceito depende da predominância de um ou vários fatores, dentre eles, sons, ritmo, harmonia, melodia, silêncio, pausas, período histórico-social, cultura, etnia, intenção, sensações, sentimentos, dentre outros que podem ser acrescidos ou surpreendentemente modificados.

É inegável a importância que a música desempenha para a humanidade, seja relatando histórias, demonstrando sentimentos, carregando ideais, perpassando processos de aprendizagem, dentre outros muitos e diversos papéis que a música pode assumir. Ressaltamos nessa diversidade seu especial significado para o envelhecimento e exercício da cidadania, o que pode ser depreendido ao explicitarmos esses conceitos como segue.

---

<sup>10</sup> Murray Schafer nos brinda, em *The Thinking Ear* (1986) seu *modus operandi* extremamente original no ensino da música a jovens alunos, com sensível tradução de Marisa Trench de O. Fonterrada, *O Ouvido Pensante* (1992), disponibilizada em: [https://monoskop.org/images/2/21/Schafer\\_R\\_Murray\\_O\\_ouvido\\_pensante.pdf](https://monoskop.org/images/2/21/Schafer_R_Murray_O_ouvido_pensante.pdf). Acesso em 01 fevereiro, 2015.

<sup>11</sup> Da renomada expressão aristotélica de domínio público.

## Envelhecimento e cidadania

*“Ando devagar porque já tive pressa  
E levo esse sorriso porque já chorei demais [...]”  
(Almir Sater, “Tocando em Frente”)<sup>12</sup>*

A estrofe acima condensa em dois versos, com partes e contrapartes à primeira vista em irônica antinomia, uma série de ideias muito profundas: um tempo transcorreu, eu lírico envelheceu, amadureceu, segue “tocando em frente”, vivenciando dificuldades, bem como possibilidades de uma vida com cidadania.

A cidadania, que autores variados abordam na relação com o envelhecimento, a partir de olhares diferenciados, sendo exemplar quando à luz de documentos como a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) e o Estatuto do Idoso (Lei n.º 10.741, de 1º de outubro de 2003), que explicitam em seus textos a concepção de que os direitos humanos são de todos e devem ser protegidos.

Marco destacável na história da humanidade, a Declaração Universal dos Direitos Humanos proclama em seu Art 1º: “Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas com as outras com espírito de fraternidade”, o que se fortalece, no Estatuto do Idoso, em especial no Título II – “Dos Direitos Fundamentais” – Cap. II – “Do direito à liberdade, ao Respeito e à Dignidade”, expresso em seu Art. 10: “É obrigação do Estado e da sociedade, assegurar à pessoa idosa a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direitos civis, políticos, individuais e sociais, garantidos na Constituição e nas leis”.

O desmembramento do referido Artigo em seu § 1º e os respectivos incisos ampliam o significado desse documento, em relação ao clamar da população pela proteção social ao segmento idoso, elementos esses estimuladores ao exercício da cidadania:

§ 1º O direito à liberdade compreende, entre outros, os seguintes aspectos:

I – faculdade de ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais;

II – opinião e expressão;

III – crença e culto religioso;

IV – prática de esportes e de diversões;

V – participação na vida familiar e comunitária;

VI – participação na vida política, na forma da lei;

VII – faculdade de buscar refúgio, auxílio e orientação.

---

<sup>12</sup> De domínio público, recuperado em 01 junho, 2015, de: <https://www.lettras.com.br/almir-sater/tocando-em-frente>.

§ 2º O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, de valores, ideias e crenças, dos espaços e dos objetos pessoais.

§ 3º É dever de todos zelar pela dignidade do idoso, colocando-o a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

Considerando-se os documentos anteriormente mencionados, percebe-se que a defesa e promoção dos direitos humanos devem ser incorporadas no dia a dia do cidadão, em relação aos valores que norteiam seus comportamentos e práticas sociais. Essas expectativas demonstram a necessidade de que o exercício da cidadania deve ser intensificado, como sustentado pelas ponderações expostas por Soares (1998):

É relativamente fácil entendermos e lutarmos por questões que dizem respeito à cidadania, à ampliação da cidadania. A própria palavra cidadania já se incorporou de uma tal maneira ao nosso vocabulário que, sobre certos aspectos, ela até tende a virar substantivo, como se representasse todo o povo. Muitas vezes já ouvimos, por exemplo, de uma autoridade política a expressão: a cidadania decidirá, precisamos ouvir a voz da cidadania! Quer dizer, usando a palavra cidadania como sinônimo de povo, povo no sentido de o conjunto de cidadãos.

Observa-se que, nos dias atuais, em alguns momentos, a prática da cidadania tende a ser imposta, quando na verdade deveria ser um exercício constante e presente nos diferentes espaços sociais de convivência. Dada a evidência do contínuo processo de envelhecimento da sociedade brasileira, o grande desafio é educar para a cidadania. Torna-se extremamente importante capacitar todos, para que os direitos humanos sejam garantidos por meio de ações educativas.

Esse desafio se reafirma mediante a concepção de que atualmente o processo de envelhecimento populacional assume destacável relevância, o que decorre da diminuição das taxas de fecundidade e aumento da estimativa de vida, conforme é enfatizado por Oliveira, Lopes, Damasceno e Silva (2012, p. 86):

Com a melhora da qualidade de vida da saúde da população, a expectativa de vida das diversas populações tem aumentado cada vez mais em diversas regiões do planeta. Além disso, a taxa de fecundidade tem diminuído em muitos países, aumentando significativamente a população idosa.

Reconhecer essa realidade exige compreender o sentido multifatorial que caracteriza o processo de envelhecimento, o que significa entendê-lo não só do ponto de vista biológico, mas multidisciplinar, de modo a incorporar dimensões da perspectiva psicológica, sociocultural e histórica. Mercadante e Brandão (2009, p. 25) incorporam essa reflexão, ao ressaltarem que:

Observamos, como falar sobre o envelhecimento nos faz refletir sobre seus múltiplos aspectos: o biológico e o cronológico, ambos associados aos diferentes ritmos individuais ligados ao tempo – externo / cronológico; ao tempo interno / biológico; e nas interações com os significados dos tempos vividos – cronos e kairós – reportando aos aspectos socioculturais.

Associada à visão multidisciplinar, a interdisciplinaridade imprime uma tonalidade diferenciada aos estudos sobre o envelhecimento, ao focalizá-lo nos tempos cronos e kairós. Essa compreensão resulta em variadas formas de abordar a velhice, o que permite identificar os múltiplos estereótipos sociais que geram configurações ilusórias sobre a realidade da pessoa idosa.

Minayo (2011, pp. 10-12) aponta cinco mitos que precisam ser enfrentados, os quais podem ser sintetizados nas seguintes concepções: “[...] destinação antecipada a um lugar social estereotipado que o aparente cuidado social reserva aos velhos”; “[...] velhice como um fato homogêneo”; igualar envelhecimento a doença superdimensionando a dimensão biológica; “O velho como ser descartável”, e “velhice como um problema”.

Olhar para essas questões demonstra a complexidade da discussão sobre a questão do envelhecimento e da velhice na atualidade, e a importância de desenvolver a capacidade de crítica e autocrítica, de modo a interpretar aspectos relativos às fragilidades que acometem o ser idoso e suas repercussões. Segundo Oliveira, *et al.* (2012, p. 88):

Pode-se afirmar que o surgimento da doença pode afetar o grupo familiar em aspecto físico, emocional, econômico, sendo que esse grupo familiar tem maior proximidade com o paciente e poderá ter grande influência na sua recuperação.

Torna-se evidente que a sociedade atual vem sofrendo mudanças singulares entre as gerações. Tais mudanças ocorrem diariamente e, com o advento da globalização, transitam a velocidades surpreendentes.

O ritmo em que os acontecimentos ocorrem impede, ou não propicia tempo suficiente, para que as gerações fortaleçam suas aprendizagens; como consequência, grandes conflitos podem ser gerados. Cordeiro (2010, p. 95) destaca que:

A velocidade que as alterações no perfil demográfico têm imposto desde os marcos da urbanização e do planejamento familiar, que ocorreram a partir da década de 1960 no Brasil, indica a necessidade de se entender cada vez mais as implicações do fenômeno do envelhecimento e de se desenvolver ações realistas em direção à melhoria da qualidade de vida da população idosa.

Percebe-se que a população idosa de certa forma fica isolada das demais faixas etárias e, como apontado anteriormente, torna-se, com o passar do tempo, uma categoria etária submetida a diversas formas de preconceito, subsumidas sob o termo idadismo, ageísmo (Sousa, Silveira, Lodovici, & Arantes, 2014).

Debert (2011, p. 4) expressa nesse sentido que: “A velhice, como as categorias etárias, étnicas, raciais ou de gênero, é uma forma de segmentar e classificar uma população, mas também de construir uma hierarquia entre diferentes segmentos assim constituídos”.

Esses cenários impõem a retomada e reafirmação da necessidade de que em todas as faixas etárias do envelhecer, e essencialmente na velhice, os idosos necessitam exercer a cidadania, visando a redimensionar formas de garantir seus direitos, ao assumirem seus deveres como sujeitos que interagem na perspectiva de praticar resiliências em prol de mudanças necessárias e desejadas. Silveira (2009, p. 15) sintetiza, ao refletir sobre a relação entre educação, envelhecimento e cidadania:

Muitos são os desafios para desfazer os mitos e preconceitos geradores de atitudes e decisões que reduzem ou eliminam a possibilidade de sermos felizes na velhice. Devemos nos preparar para viver a longevidade conquistada, buscando sentido para nossa existência, diante da realidade que nos cerca, e que exige respostas cada vez mais inovadoras para enfrentarmos os enigmas do cotidiano.



Temos de nos repensar continuamente, de forma a preservar como valores fundamentais a autonomia, a criatividade, o respeito, a dignidade, reforçando e recompondo as motivações do viver.

Muitas são as motivações do viver que nos permitem ressignificar nossas capacidades de olhar, sentir, pensar e agir e, dentre elas, destaca-se a música que, por meio de seus ritmos, poesias letradas, interpretações e outros quesitos despertam potenciais adormecidos ou nunca estimulados, dentre eles, a possibilidade de ser um sujeito pleno, engajado no seu contexto. O cidadão, de qualquer segmento etário, que reconhece a importância da música desenvolve sensibilidades para uma convivência planetária mais digna, compreendendo o próximo como semelhante. Morin (2011, p. 91) destaca nesse sentido que: “A compreensão é, ao mesmo tempo, meio e fim da comunicação humana. O planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensões mútuas”.

### **A importância da música no contexto social**

*[...] Brasil  
Mostra tua cara  
Quero ver quem paga  
Pra gente ficar assim  
Brasil.  
Qual é o teu negócio?  
O nome do teu sócio?  
Confia em mim [...]  
(Cazuza, “Brasil”)<sup>13</sup>*

A consistência social, especialmente nesse refrão da música de Cazuza, compositor de surpreendente lucidez sobre a realidade brasileira, ratifica-se no título desta seção, que conjuga música e contexto social, articulando-os, a seguir, ao envelhecimento.

Focalizando a realidade do mundo longo, percebemos que a música sempre esteve presente na humanidade assumindo papéis relevantes nos contextos histórico-sociais. Observamos também como a linguagem, diante de questões que se referem a envelhecimento e cidadania, é fator relevante na mediação entre interesses pessoais e sociais, em especial quando associada à presença da música, da linguagem musical, dada sua importância na convivência interativa.

---

<sup>13</sup> De domínio público, recuperado em 01 junho, 2015, de: <https://www.letras.mus.br/cazuza/7246/>.

Sacks (2007, pp. 9-10) sintetiza essa realidade:

Sobre a imensa maioria de nós, a música exerce um grande poder, quer o busquemos, quer o não, e isso ocorre inclusive com quem não se considera particularmente “musical”. A inclinação na música se revela na primeira infância, é manifesta e essencial em todas as culturas e provavelmente remonta aos primórdios de nossa espécie. Essa “musicofilia” é um dado da natureza humana. Ela pode ser desenvolvida e moldada pela cultura em que vivemos, pelas circunstâncias da vida e pelos talentos ou deficiências que temos como indivíduos. Mas é tão arraigada na natureza humana que devemos considerá-la inata [...].

Em diversas sociedades e em todos os tempos, observamos o papel fundamental da música como componente cultural. Reminiscências, em particular de pessoas idosas, trazem à consciência lembrança de autorias – seriação antes mencionada mas aqui necessariamente recorrente: o canto das lavadeiras, os cantos e os mantras sagrados dos candomblés e dos budistas, as canções de grandes festas como os enredos de carnaval, as festas regionais profanas do Ciclo Junino, do Divino e do Bendito, a Folia de Reis, o Boi Bumbá de diversas regiões do Brasil, os Maracatus e os cânticos folclóricos. Essas são algumas das sonoridades que podem ser identificadas, justificadas sob a hipótese, aqui reiterada, de que “Os maiores movimentos musicais cantados hoje pelo mundo, têm origem na mistura cultural de brancos, negros e índios” (Millecco, Brandão, & Filho, 2001, p. 30).

A música enquanto linguagem de expressão universal nos traz toda a sua diversidade, pelos diferentes ritmos, instrumentos e elementos derivados, tributariamente à questão social e cultural do ser humano.

Está a música, justo por ser linguagem universal, presente em qualquer época e cultura, sendo aceita pelo ser humano consoante os efeitos que proporciona a um indivíduo ao acompanhar seu processo de envelhecimento:

Diante das óbvias semelhanças entre música e linguagem, não surpreende que um debate esteja em curso há mais de duzentos anos para decidir se elas evoluíram junta ou independentemente – e se, valendo o segundo caso, qual delas veio primeiro.

Darwin supôs: “nossos ancestrais semi-humanos usavam tons e ritmos musicais nos períodos de corte quando todos os tipos de animais excitam-se, não só por amor, mas também por intensos arroubos de ciúme, rivalidade e triunfo”. [...] Nós, humanos, somos uma espécie musical além de linguística. Isso assume muitas formas. Todos nós (com pouquíssimas exceções) somos capazes de perceber músicas, tons, timbre, intervalos entre notas, contornos melódicos, harmonia e, talvez no nível mais fundamental, ritmo. Integramos isso tudo e “construímos” a música na mente usando muitas partes do cérebro. E a essa apreciação estrutural, em grande medida inconsciente, adiciona-se uma reação muitas vezes intensa e profundamente emocional (Sacks, 2007, pp.10-11).

No decorrer dos séculos, o papel desempenhado pela música foi se modificando e, em alguns momentos, redefinido. Em certos períodos, a música adquire um papel protagonista na sociedade; em outros, ela vira pano de fundo para eventos e momentos sociais.

No entanto, em todo o curso histórico, ela nunca deixa de existir, uma vez que a música como “toda a expressão cultural estabelece uma estreita relação com o processo histórico” (Millecco, Brandão, & Filho, 2001, p. 31).

### **Ressignificando a cidadania a partir da música: um olhar kairosiano sobre “ser um cidadão velho”**

*“...[Cantar era buscar o caminho  
Que vai dar no sol  
Tenho comigo as lembranças do que eu era  
Para cantar nada era longe, tudo tão bom  
Tê a estrada de terra na boleia de um caminhão  
Era assim [...].”*  
(Milton Nascimento. “Nos bailes da vida”)<sup>14</sup>

A partir do que se discutiu anteriormente, pode-se dizer que a vida nada mais é que uma trajetória regada a acontecimentos, uns bons, outros nem tanto; podemos perceber que muitos são os aspectos simbólicos e subjetivos que a música pode apresentar.

---

<sup>14</sup> De domínio público, recuperado em 01 junho, 2015, de: <https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/47438/>.

Na seção “A importância da música no contexto social”, pudemos ter uma real noção do quanto a música influencia o âmbito psicológico e social das pessoas. O que se atesta no excerto acima do poeta “cantante” Milton Nascimento.

Diversas obras trazem questões referentes ao tempo; a própria produção musical deve ser regrada e obedece a princípios básicos da música, como ritmo e harmonia; no entanto, apesar de obedecer a tais princípios, a execução ou escuta de uma obra musical pode causar uma sensação atemporal, um deslocamento do tempo cronológico, no qual perdemos a noção métrica desse tempo.

Para presenciar ou vivenciar uma escuta musical, não há uma bula específica que enquadre os efeitos possíveis diante de suas motivações. Cada pessoa apresenta uma conduta única diante do exposto, que vem em decorrência de diversas situações, como, por exemplo, de sua experiência de vida, formação, ocupação, família, caráter, tipo de personalidade, dentre outras. Os idosos na sua relação com a música vivenciam essa condição, considerando-se sua trajetória existencial.

Todos nós construímos nossa história, uma caminhada de vida que incorpora marcas, cicatrizes, aromas, cores, nuances, alegrias e tristezas. São vivências acompanhadas por sonoridades, respirações, suspiros sufocados, estrondosas gargalhadas, sussurros, canções, músicas, danças e festas. A música integra a constituição das memórias do cidadão idoso como parte das experiências adquiridas com o tempo.

Não é possível significar ou ressignificar a cidadania, sem fazer paralelos com a vivência, pois essa palavra traz consigo uma história em construção, marcada por acontecimentos que delimitam seu avanço. Discutir a cidadania a partir da música impõe entender essa vivência na sua temporalidade, sob uma ótica kairosiana. A pessoa idosa também tem sua vida marcada por acontecimentos, dentre os quais a música, que pode significar marcos especiais da sua existência como cidadão que luta por seu direito de ter uma vida com qualidade. Oliveira *et al.* (2012, p. 89) discorrem sobre algumas dimensões dessa relação da música na qualidade da saúde na velhice:

A influência musical em um paciente idoso é um fator significativo para proporcionar a este uma melhor qualidade de vida, pois a música pode melhorar o desenvolvimento motor e cognitivo, é responsável por facilitar a expressão de sentimentos, é considerada uma forma de

comunicação que permite maior interação social e também é capaz de estimular o indivíduo a refletir sobre sua vida. A música também é um importante fator de contribuição para o desenvolvimento da coordenação motora e restabelecimento da memória. Dessa forma, ela também é capaz de auxiliar na reinserção do indivíduo na sociedade, já que este, além de recuperar a capacidade motora de determinados movimentos, também passa a se sentir útil para a sociedade e para si mesmo, tendo mais autonomia e menos solidão, evitando doenças depressivas, características da terceira idade.

Quando presenciamos ou vivenciamos uma escuta musical, não há uma regra ou conduta específica que enquadre como cada pessoa responderá a tais motivações. A diversidade se contrapõe à ideia de uma resposta única, o que decorre da experiência de vida de cada um, de sua formação, ocupação, família, caráter, tipo de personalidade, entre outros aspectos. A ressignificação, dessa forma, ocorrerá de maneira única; cada indivíduo, a partir de sua própria experiência e vivência, entenderá e, de acordo com suas possibilidades, construirá sensações e sentimentos do que foi vivido e do que realmente vale recobrar e “re-significar”, buscando sentidos para continuar a caminhada.

O tema de trabalho é muito amplo e possibilita diversos desdobramentos de pesquisa e estudo. Precisa-se levar em consideração, que nenhum dos tópicos apresentados se fecha por completo; dessa forma, com o passar do tempo, eles podem assumir ou agregar novos significados e definições. Espera-se que esse trabalho possa ser uma porta que possibilite a passagem de novos estudos nessa área.

A percepção da possibilidade da ressignificação das velhices, tendo a música como agente mediador, amplia a compreensão sobre diferentes formas de exercer a cidadania, o que se revela muito expressivo, ao considerarmos a importância das marcas do tempo, das memórias revistas e dos sentidos construídos no kairós nas suas diferentes dimensões do “longeviver”.

## Referências

- Agamben, G. (2008). *Il tempo che resta*. Turim: Bollati Boringhieri.
- Agamben, G. (2015). *Filosofia e Linguística. A potência do pensamento-ensaios e conferências*. Antonio Guerreiro, Trad. Belo Horizonte, MG: Autêntica.

- Agamben, G. (2016). *O tempo que resta*. Davi Pessoa e Claudio Oliveira, Tradutores. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Barbosa, J. (2014). *Política e Tempo em Giorgio Agamben*. São Paulo, SP: Educ/Fapesp.
- Brasil. *Estatuto do Idoso e Marcos Normativos Complementares*. Prefeitura de São Paulo.
- Candé, R. (2001). *História Universal da Música*. (2ª ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Cordeiro, R. C. (2010). *Princípios de Reabilitação Gerontológica – Guias de Medicina Ambulatorial e Hospitalar da UNIFESP- EPM*. São Paulo, SP: Manoele Editora.
- Debert, G. G. (2011). Velho, terceira idade, idoso ou aposentado? Sobre diversos entendimentos acerca da velhice. *Revista Coletiva*, 5, (s/p.). Recuperado em 01 fevereiro 2016, de: <http://www.coletiva.org/index.php/artigo/velho-terceira-idade-idoso-ou-aposentado-sobre-diversos-entendimentos-acerca-da-velhice/>.
- Dell, C. (2014). *Mitologia, um guia dos mundos imaginários*. São Paulo, SP: Sesc Edições.
- Grout, D. J., & Palisca, C. V. (2007). *História da Música Ocidental*. (5ª ed.). Lisboa, Portugal: Gradiva.
- Leinig, C. E. (2009). *A Música e a ciência se encontram: um estudo integrado entre a música, a ciência e a musicoterapia*. Curitiba, PR: Juruá.
- Leite, L. (2001). *Do Simbólico ao Racional: Ensaio sobre a Gênese da Mitologia Grega como Introdução à Filosofia*. Bahia: Ed. Egbá, 2001.
- Martins, J. C. de O., Aquino, C. A. B. de, Saboia, I. B. de, & Pinheiro, A. de A. G. (2012). De Kairós a Kronos: Metamorfoses do trabalho na linha do tempo. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 15(2), 219-225. Recuperado em 09 novembro, 2015, de: <file:///E:/artigos%20envelhecimento%20trab%20puc/cronos%20kaioros%20metaforoses%20do%20trabalho%20na%20linha%20do%20tempo.pdf>.
- Mercadante, E. F., & Brandão, V. M. A. T. (2009). *Envelhecimento ou longevidade?* São Paulo, SP: Paulus.
- Millecco, R. P., Brandão, M. R. E., & Filho, L. A. M. (2001). *É preciso cantar: Musicoterapia, Contos e Canções*. Rio de Janeiro, RJ: Enelivros.
- Minayo, M. C. S. (2011). Envelhecimento demográfico e o lugar do idoso no ciclo da vida brasileira. [Prefácio]. In: Trench, B., Rosa, T. E. C. *Nós e o outro: envelhecimento, reflexões, prática e pesquisa*. São Paulo, SP: Instituto da Saúde.
- Morin, E. (2011). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. (2ª ed.). São Paulo, SP: Cortez.
- Oliveira, G. C. de, Lopes V. R. da S., Damasceno, M. J. C. F., & Silva, E. M. da. (2012). *A Contribuição da Musicoterapia na Saúde do Idoso*. *Cadernos UniFOA*, 20, pp. 85-94. Recuperado em 15 setembro, 2015, de: <http://web.unifoa.edu.br/cadernos/edicao/20/85-94.pdf>.
- Sacks, O. (2007). *Alucinações Musicais – Relatos sobre a música e o cérebro*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Schafer, R. M. (1991). *O Ouvido Pensante*. São Paulo, SP: Fundação Editora UNESP.

Secretaria de Desenvolvimento Social. (2014). *Guia de Orientações Técnicas Centro-dia do Idoso – Centro Novo Dia*. São Paulo, SP.

Silveira, N. D. R. (2009). Educação, Envelhecimento e Cidadania. In: *A Pessoa Idosa: educação e cidadania*. São Paulo, SP: Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social e Fundação Padre Anchieta. Recuperado em 15 setembro, 2015, de: [http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/a2sitebox /arquivos/documentos/biblioteca/publicacoes/volume7\\_Educacao\\_e\\_cidadania.pdf](http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/a2sitebox /arquivos/documentos/biblioteca/publicacoes/volume7_Educacao_e_cidadania.pdf).

Soares, M. V. de M. B. (1998). *Cidadania e Direitos Humanos*. CP Cadernos de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas. Recuperado em 07 junho, 2015, de <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/715/731>.

Sousa, A. C. S. N., Silveira, N. D. R., Lodovici, F. M. M. & Arantes, R. P. G. (2014). Alguns apontamentos sobre o Idadismo: a posição de pessoas idosas diante desse agravo à sua subjetividade. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 19(3), 853-877. Recuperado em 30/09/2015, de:

<http://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/search/search?simpleQuery=Flam%C3%ADnia&searchField=query>.

\* Este trabalho, de abordagem qualitativa, é parte das reflexões que se conduziram durante disciplinas sob a responsabilidade das segunda e terceira autoras, no curso de Mestrado em Gerontologia, da PUC-SP, reflexões estas que foram se desenvolvendo e farão parte da dissertação de mestrado do primeiro autor, sob o título “Ressignificando momentos: a Musicoterapia em centro-dia de idosos”, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia/FACHS/PUC-SP.

Recebido em 20/02/2016

Aceito em 30/03/2016

---

**Rafael Ludovico Moreira** - Mestre em Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Especialista em Gestão de Recursos Humanos pela FMU, Faculdades Metropolitanas Unidas. Bacharel em Musicoterapia, FMU.

E-mail: [rafael\\_terapia@hotmail.com](mailto:rafael_terapia@hotmail.com)

**Fláminia Manzano Moreira Lodovici** – Doutora em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, IEL/Unicamp. Mestra em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, LAEL/PUC-SP. Assistente-Doutor, Departamento de Linguística/FAFICLA/PUC-SP. Pesquisadora e Docente, Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia/FACHS/PUC-SP.  
E-mail: flalodo@terra.com.br

**Nadia Dumara Ruiz Silveira** - Doutora em Ciências Sociais, Universidade de São Paulo/USP. Professora titular, Departamento de Fundamentos da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pesquisadora e Docente, Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia e Educação: Currículo (PUC-SP).  
E-mail: ndrs@pucsp.br